

Índio volta a apitar em nome de Museu OF

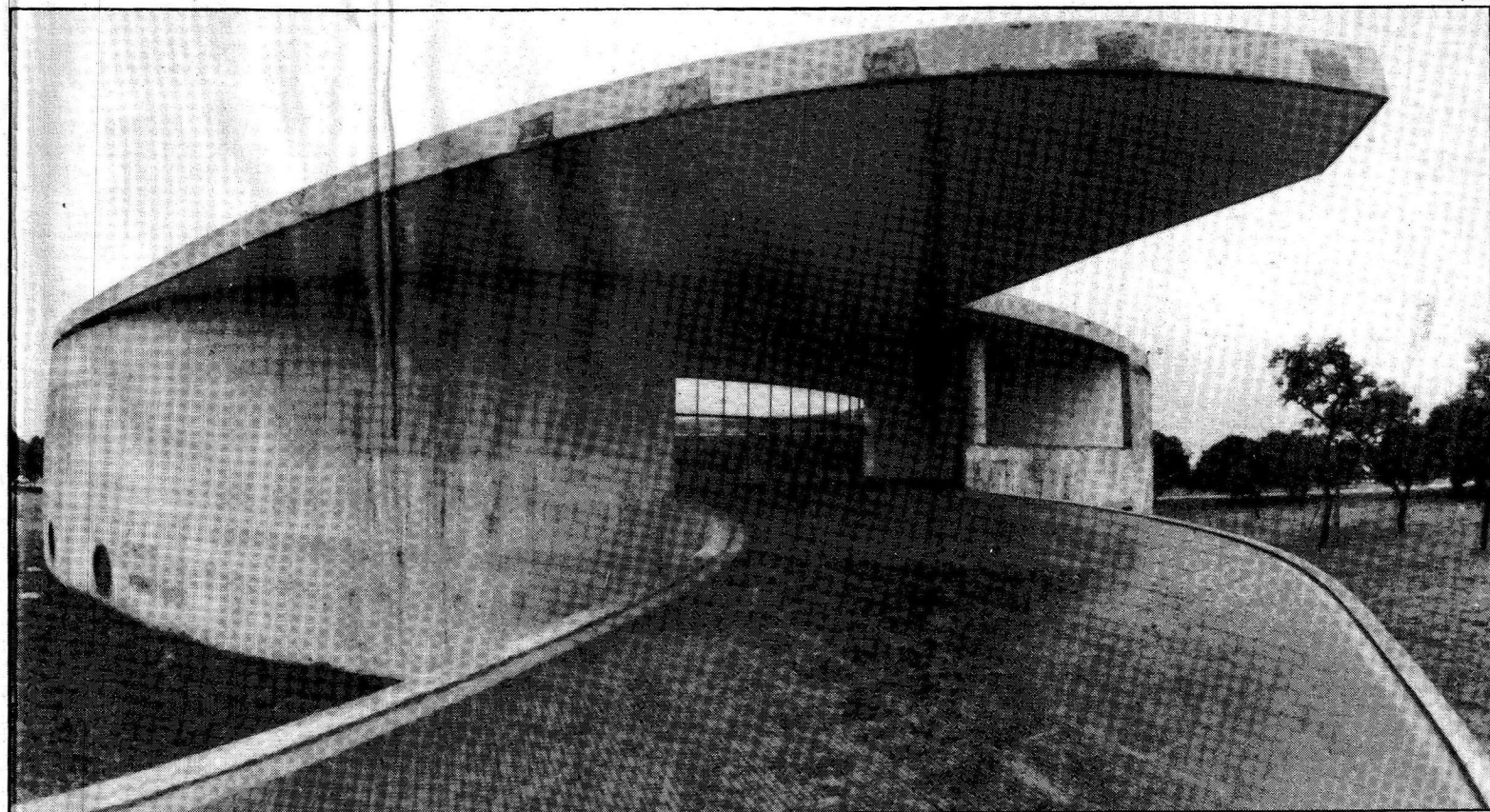
Com a criação do Centro Cultural Indígena e de Educação Ambiental, líderes tribais reivindicam uso do Museu do Índio

ANAMARIA ROSSI

A o índio o que é do índio. Essa frase, já estampada em diversos documentos de protesto contra a destinação do que seria o Museu do Índio a um futuro Museu de Arte Contemporânea em Brasília, volta à tona quatro anos depois da inauguração do prédio projetado por Oscar Niemeyer. A criação, na última terça-feira, do Centro Cultural Indígena e de Educação Ambiental, em Brasília, é o primeiro passo na retomada da luta pelo espaço, onde os representantes de diversas tribos de todo o País pretendem criar um museu vivo e manter sua base cultural e política na capital federal.

"Na próxima semana retomamos essa luta, encaminhando às autoridades responsáveis documentos reivindicando o prédio para ser a nossa sede", afirma o índio Ianoculá Rodarte, da tribo Camaiurá, um dos fundadores do Centro. Ele cita, entre as entidades fundadoras ou apoiadoras do Centro, o Movimento Nacional de Artistas pela Natureza, a Fundação Cidade da Paz, a Fundação Cultural do Distrito Federal e o Grupo Voluntários, ligado à embaixatriz Leda Coimbra. Muitos índios residentes em Brasília também participam da iniciativa, entre eles Adão Irapuitã (da tribo Caiuá, do Mato Grosso do Sul) e Estêvão Taocani (da tribo Bacairi, de Mato Grosso).

A idéia de se criar em Brasília um Centro de Cultura Indígena, que data de 1986, por algum momento sensibilizou as autoridades do País. O prédio construído em 1988 no Eixo Monumental, entre o Palácio do Buriti e o Memorial JK, e que até hoje permanece desocupado e aban-



O Museu do Índio, idealizado por Oscar Niemeyer: utilização passou por inúmeras mudanças de rota. Hoje é só o vazio

donado, foi projetado por Oscar Niemeyer para ser o Museu do Índio, e por isso mesmo inspirado numa oca indígena. A antropóloga Berta Ribeiro, uma das maiores autoridades em assuntos indígenas do País, foi convidada pelo então governador José Aparecido para fazer o projeto cultural e conceitual do Museu, e o Banco do Brasil financiou a construção do prédio, que tinha o objetivo claro de ser entregue à nação indígena.

Mudanças — Quando estava prestes a ser inaugurado, o Museu foi transformado num Museu de Arte

Moderna, e mais tarde de Arte Contemporânea. Durante quatro anos, a pomposa construção não chegou a funcionar de fato nem para o índio, nem para a arte — talvez em função da pajelança feita por Sapaim, em 1988, para dar azar a qualquer iniciativa que se tomasse por aquele espaço e que não fosse em função de seu projeto original. Os índios jamais aceitaram a proposta de se construir, como alternativa e consolo, um Instituto Indígena no campus da Universidade de Brasília.

Ianoculá acredita que deve ser.

o Museu do Índio a sede do Centro de Cultura Indígena, onde se pretende realizar um trabalho de preservação e difusão dessa cultura, em diversas manifestações. "Vamos defender e preservar nossa memória cultural, fazendo estudos de tecnologias indígenas em diversas áreas para gerar insumos ao desenvolvimento humano", anuncia. Ele salienta que se trata de um museu vivo, e não burocrático, e que a atividade política em defesa do índio será o próprio projeto cultural do Museu. A realização de cursos, oficinas, seminários, encontros e congressos e a produção de mate-

rial audiovisual sobre a cultura indígena estão entre as atividades planejadas para garantir a dinamização do Museu.

Ainda sem registro em cartório, o que deve ser feito na próxima semana, depois de eleita a sua diretoria, — o Centro constitui-se numa entidade autônoma, sem vínculos com qualquer instituição oficial, mas certamente precisará do apoio de algumas delas para reaver o espaço que foi tomado dos índios. Ianoculá tem esperanças de "sensibilizar as autoridades", e pretende mobilizar céus e Terra para isso.